

# O PROLETÁRIO

Nº 71  
Fevereiro de 2008

Uma Publicação mensal de Proletários Marxistas  
Não aceitamos que a burguesia nos financie. Por isso se faz necessário a cobrança de R\$ 1,00  
(um real) para o custeio da publicação do jornal.

<b>Conjuntura</b>	<b>01-07</b>
<b>Petras versus Petras</b>	<b>08- 09</b>
<b>Encontro Latino-Americano e Caribenho dos Trabalhadores</b>	<b>09-10</b>
<b>Continuam as atividades de formação política Friedrich Engels, Dialética da Natureza.</b>	<b>10-12</b>
<b><i>O novo Imperialismo</i> Capítulo III: A opressão via capital</b>	<b>12-16</b>
<b>Análise do projeto Porto Brasil e do Complexo Industrial Taniguá (Peruíbe)</b>	<b>17-19</b>
<b>Visita à UNITAU</b>	<b>19-21</b>
<b>Calendário de atividades:</b>	<b>21</b>

**Venham para os grupos de estudo de Marxismo  
Se inscrevam com os distribuidores de o Proletário**

**Contatos:**

**Jornal *O Proletário***

**Caixa Postal n.º 140 CEP 09910-970, Diadema, São Paulo**

## Conjuntura

A agonia do capitalismo, como regime em seus ciclos de relativo equilíbrio precário e momentos de desequilíbrio quase que total, vai forçando a burguesia mundial a ir se reciclando e moldando a exploração do trabalho à imagem e semelhança na medida em que a crise estrutural do capitalismo vai se aguçando.

A par desta adequação e sobrevivência capitalista e em razão desta, está contida a crise de direção revolucionária do proletariado mundial.

Os dois aspectos acima constituem o desdobramento da análise – ambos de profundidade e inter-relacionados – que acabam por compreender todos os aspectos relacionados com o surgimento da própria humanidade e o seu desenvolvimento, a luta de classes e as teorias do conhecimento. O desenrolar do materialismo histórico e dialético, na perspectiva de harmonizar os meios de produção e relações de produção, condição sine qua non para a seqüência do próprio continuar do desenvolvimento e da própria existência da humanidade.

A evolução da espécie humana pelo trabalho foi se distinguindo dos outros animais, atingindo um nível extraordinário, ao ponto de desnudar em transformação a própria natureza. O surgimento da exploração do homem pelo homem e a luta de classes condicionou o próprio desenvolvimento em contraposição à existência humana.

Marx e Engels, pela teorização prática como método de análise e aquisições do conhecimento, contribuíram de forma extraordinária no desvendar deste próprio desenvolvimento e assentaram as bases fundamentais de análise da sociedade capitalista: propriedade privada dos meios de produção; apropriação individual da produção coletiva (acumulação de capital

nas mãos de uma minoria dominante); exploração da força de trabalho (mais-valia). Bem como constituíram os fundamentos teóricos da classe social nascida do próprio regime criado pela burguesia, como coaveiro deste.

No Manifesto Comunista, de 1848, analisa-se a situação política e econômica do capitalismo como sendo “*a revolta das forças produtivas modernas contra as modernas relações de produção e de propriedade que condicionam a existência da burguesia e seu domínio. Basta mencionar as crises comerciais que, repetindo-se periodicamente, ameaçam cada vez mais a existência da sociedade burguesa. Cada crise destrói regularmente não só uma grande massa de produtos já fabricados, mas também uma grande parte das próprias forças produtivas já desenvolvidas. Uma epidemia, que em qualquer outra época teria parecido um paradoxo, desaba sobre a sociedade - a epidemia da superprodução*”.

De 1848 para cá, esta situação de epidemia de superprodução tem se agravado. A fusão do capital industrial com o capital bancário deu origem ao capital financeiro, que propiciou o agravamento da economia e uma maior centralização e domínio do capital. Esta epidemia de crise de superprodução tem culminado nas grandes guerras imperialistas. Foi assim na I Grande Guerra (1914-1918) e na II Grande Guerra Mundial, de 1939–1945.

A luta de classes tem comparecido como motor entre proletário e burgueses. No decorrer da 1ª Grande Guerra a vanguarda do proletariado mundial, representada pelo partido bolchevique Russo, cunhou fundo a resposta proletária para a crise capitalista: Revolução Russa.

Com a vitória do proletariado Russo, aguçou-se o proletariado mundial em seu conjunto. A luta de classe assume um profundo acirramento, do lado do proletariado se desfecha toda uma energia na construção da III Internacional Comunista, na defesa da Revolução de Outubro e na ofensiva em todos os rincões do planeta na luta por melhores condições de trabalho, de vida e para destronar a burguesia do poder.

Com a Revolução Russa de 1917, o proletariado se levanta, dando início ao suplantamento da burguesia, ou seja, têm-se início a negação do capitalismo. Mas a burguesia mundial não dá tréguas (luta de classes) e além disso, com o advento do Stalinismo (teoria do “Socialismo em um só país”), após a morte de Lenin em 1924, tivemos a negação da negação: a reconstituição capitalista na URSS, contribuição do stalinismo. Este acirramento da luta de classes e o levantar do proletariado mundial fez com que a burguesia mundial declarasse guerra total e se unificasse, criando assim, a liga das nações.

Contou a burguesia mundial com os lacaios da II Internacional e o bloco centrista que hora se alinhava diretamente com a grande burguesia, hora centriava em favor da luta proletária. A Social Democracia se constituiu como verdadeiro apêndice da burguesia e da contra-revolução

Neste período de ascensão revolucionário internacional, em 15 de janeiro de 1919 foi aplicado um grande golpe aos iniciadores da III Internacional. Na Alemanha a Social Democracia, em atitude fascista, prende e assassina dois líderes do proletariado Alemão e da Revolução Internacionalista: Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht.

A partir de 1921, a situação política mundial já assume uma tendência de total ofensiva da burguesia, obrigando a Internacional Comunista a impulsionar

políticas táticas de Frente Única e de Frente revolucionária. Com a perda, em 1924, de um dos principais dirigentes (Lenin) se ascende no poder Soviético Russo o que iria se constituir na história como o fenômeno do Stalinismo. Diante do isolamento da revolução, da ofensiva da burguesia, do cansaço do proletariado e da própria juventude dos quadros internacionalistas no seu conjunto, esta corrente política acaba por desfechar uma completa traição aos princípios Marxistas e, fatidicamente, em nome deste. Persegue, processa e assassina os melhores quadros e dirigentes bolcheviques; o Estado Soviético assume uma total burocratização degenerando-se completamente. Ou seja: o retorno completo do ex-Estado Soviético ao Estado Capitalista Clássico.

O Internacionalismo proletário fora totalmente estrangulado, assumindo seu lugar a teorização Stalinista do “Socialismo em um só País”, que adotou a partir do 7º e último Congresso da I.C. (em 1935), como tática as políticas das Frentes Populares em vários países (Espanha e China, por exemplo), preconizando alianças com a burguesia progressiva para sufocar/trair o ascenso da classe operária.

Como se não bastasse a traição se manifestar em nome do marxismo, criando toda uma situação política mundial desfavorável à uma contraposição a este fenômeno burguês no seio do movimento operário internacional, em 21 de agosto de 1940 é brutalmente assassinado (por um agente de Josef Stalin) o fundador da IV Internacional Comunista: Leon Trotsky.

Com todo este delinear da luta de classes, os ciclos de “desenvolvimento” capitalista segue o curso histórico, culminando em 1939–1945 com a Segunda Grande Guerra como forma de **repartilha** do globo e de equilibrar os meios de produção em relação às crises cíclicas que se avolumaram devido à superprodução

capitalista, advinda da propriedade privada dos meios de produção.

Com a nova conformação econômica do domínio imperialista do planeta comparece, por um vasto período, o que oficialmente se chamou de Guerra Fria. Período de acordos e intrigas secretas entre duas grandes potências. A política da Guerra Fria fez com que o Leste europeu se tornasse palco de contenção de forças entre o capitalismo e o “comunista” (Estados Operários Degenerados), bem como parte do Oriente Médio. De um lado - o imperialismo americano que se despontou da segunda guerra como império majoritário do ponto de vista econômico, militar e político. De outro lado o Estado operário degenerado com sua polícia anti-operária, de conciliação e colaboração com a grande burguesia mundial.

A formalização da restauração capitalista nos Ex- Estados Operários do Leste Europeu, ocorridas na década de 80, acabou por selar um período de aprofundamento da confusão e do total domínio ideológico da burguesia, mesmo no seio das principais organizações reivindicantes do marxismo.

Com este fenômeno a grande burguesia imperialista, que já contava com a Social Democracia e com a colaboração stalinista, passa abertamente a contar com estas duas correntes políticas e com vastos setores dos próprios reivindicantes do trotskismo. O Movimento operário do ponto de vista de sua independência se aniquila quase que totalmente.

Com a queda do muro de Berlim, acontece a contr-ofensiva do imperialismo, advindo daí toda a espécie de revisionismo do marxismo. Muitos teóricos revisionistas proclamaram o fim do marxismo e a vitória do capitalismo, colocando a globalização como a salvação da humanidade. Daí, a Social Democracia engendra uma “nova ordem” semeando a confusão no seio da luta de classes e desviando assim o proletariado

de seus objetivos históricos – a derrubada do capitalismo –, em prol das frentes populares de conciliação de classes.

No Brasil, sob a liderança de intelectuais reformistas de São Paulo, como forma de realçar o período posterior da queda do muro de Berlim, se constituiu os princípios do que viria a ser o FSM, que é nada mais nada menos que uma diretriz da vanguarda da burguesia mundial, preconizando, sobretudo, a humanização do capitalismo e, nas entrelinhas, a domesticação completa das lutas via as organizações de classe. Serve este Fórum para revigorar as ONG’s, ambicionando que todas sejam institucionalizadas por meio destas. Este organismo bem demonstra a política que predominou no período pós queda dos Ex- Estados operários degenerados.

Duas são as vertentes da necessidade desta acentuação da conciliação de classe como forma de organização envolvendo “oprimidos”, organizações sociais, “governantes progressistas”, estudantes, igreja e intelectuais que se dizem “Marxistas modernos”. Uma é da própria conciliação de classes necessária ao reformismo. Outra é a necessidade da burguesia mundial de educar e dotar o movimento operário, estudantil e popular da docilidade e conciliação de classes no sentido de se resguardar para os aguçamentos das crises cíclicas do capitalismo, que em várias ocasiões comparece como situação revolucionária (porém, sem partidos revolucionários). Necessita nestes momentos, a burguesia, das organizações adocicadas para o socorro diante dos levantes espontaneos das massas (como ocorrido na Argentina em 2002 e na Bolívia, com Evo Morales).

Neste sentido, com a assimilação da política de frentes populares pelo imperialismo deu um salto de qualidade,. O aprofundamento da crise estrutural do capitalismo acabou por necessitar desta ferramenta não mais como último recurso em oposição ao levante independente do

proletariado, mas sim, para que se torne possível e viável a implantação das reformas imperialistas que um governo burguês clássico não consegue a fazê-las em toda sua potencialidade.

Nesta empreitada ideológica e organizativa de conciliação de classe em benefício do capitalismo decadente com sua crise estrutural de superprodução culminando nas suas crises cíclicas, compõem hoje a Social Democracia clássica, o Stalinismo nas suas variadas correntes e grande parte das tendências e correntes, inclusive, do trotskismo.

Como não poderia deixar de ser, com a ausência de independência de classe do movimento operário, representada pela ausência de uma genuína organização marxista com a mínima influência de massa em escala internacional (a ausência do partido mundial da revolução proletária, mesmo como tendência), as organizações estudantis e populares assumem quase que na totalidade a burocratização e a estatização dos Sindicatos, anulando qualquer perspectiva de resistência dos oprimidos às reformas e ataques imperialistas que necessita a grande burguesia e seu regime decadente.

Com a total ausência de uma direção revolucionária e da independência de classe no seio do movimento operário internacional, fica a burguesia mundial totalmente livre para aplicar reformas, declarar guerra, saquear, impor medidas, inclusive de cunho fascista, acabar com os direitos sociais, com as conquistas históricas do proletariado mundial e, principalmente, livre e com instrumental político e organizativo no campo do proletariado para enfrentar as crises cíclicas da administração do grande capital. Como a que se desenvolve no momento, desfechada pela crise do mercado imobiliário americano, que nada mais é do que a manifestação da formalidade do conjunto da economia capitalista mundial, representada pelas transações econômicas e financeiras sem

valor real e correspondência com a produção de mercadoria, com sua venda ou consumo.

A ausência do movimento operário independente, por causa disto, tem se distorcido, semeando confusões e mesmo negando os princípios marxistas, inclusive os contidos no manifesto comunista das crises cíclicas e as epidemias de superprodução.

O método do materialismo histórico e dialético tem sido substituído em nome da atualização do marxismo, pelo idealismo descarado da **causa/efeito**. Em nome dos pressupostos contidos na obra de o capital de Marx em que vislumbra a tendência de queda da taxa de lucro em virtude da modernização das forças produtivas, ou seja: o conseqüente aumento do capital constante em relação ao capital variável. Se tem profetizado e levado à análise das crises cíclicas do capitalismo para a esfera do lucro e não mais para as crises de superprodução, advinda da propriedade privada dos meios de produção e a conseqüente apropriação privada do trabalho coletivo. Com este desvio abre-se as portas para as novas teorias da atualização do marxismo pela sua revisão e volta-se ao idealismo combatido em Ideologia Alemã, prefácio de Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel e Dialética da Natureza de Engels e etc.

A realidade e o agravamento da crise estrutural do sistema capitalista é analisada de forma fragmentada. Assim, a crise das bolsas da atualidade é resultado da crise econômica americana (do mercado imobiliário americano) e não como um reflexo da crise estrutural do sistema dominado pela formalidade econômica e pelas altas transações financeiras fora do processo produtivo e também, principalmente, pela estreiteza dos mercados para desovar as potencialidades produtivas do alto grau de desenvolvimento das forças produtivas no que tange o maquinário e a contradição da estagnação destas mesmas forças produtivas no seu conjunto devido à

propriedade privada dos meios de produção e a intrínseca apropriação privada do trabalho coletivo.

Negando o princípio das crises, negam assim o apontamento indispensável da necessidade intransponível da Socialização dos meios de produção com a consequente expropriação da burguesia. O apontamento da necessidade de por fim ao processo de barbarização da sociedade advinda do aprofundamento da crise estrutural do sistema e a consequente necessidade de harmonizar o alto grau de desenvolvimento das forças produtivas alcançado no capitalismo, com uma relação de produção que possa dar continuidade ao desenvolvimento da humanidade, com o devido reparte igualitário da produção produzida coletivamente.

Dizendo não a esta intransponível necessidade da socialização dos meios de produção, a luta se encarna em torno das várias outras necessidades, aqui não da humanidade (da consequente coletivização dos meios de produção e o consequente controle e repartição de todo o trabalho produzido pelos próprios produtores) e sim das necessidades do capital e das várias facções da burguesia em disputa deste.

Dentro deste contexto comparece os governos de frente popular e de tendência ou aparência nacionalista que, principalmente na América, se tornaram realidade.

#### **Alguns tópicos para melhor realçar a análise:**

- O mundo capitalista está totalmente conformado e dominado pelo capital financeiro, que é a fusão da grande Indústria com o Sistema Bancário, com a hegemonia deste último;
- Esta conformação e domínio, impõem o **desenvolvimento desigual e combinado**.

Sem nos atermos a estes dois fenômenos do desenvolvimento capitalista, certamente a análise ficará truncada.

Os impérios capitalistas, na busca pelo domínio do planeta, de nações e regiões estratégicas, de matéria prima, mão de obra barata, de mercados novos e ampliação dos existentes, acabam por realizar uma espécie de metamorfose entre nação oprimida e opressora, atraso e desenvolvimento.

Por outro lado, os países oprimidos coloniais ou semi-coloniais de desenvolvimento tardio acabam, pelo caráter débil das burguesias nativas, se consorciando e associando a estes impérios. Nos blocos econômicos, como o do Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (NAFTA). Entre Canadá, México e Estados Unidos da América se constituiu em 1994, com a falácia do livre comércio, uma extensão do quintal americano às custas das riquezas minerais, da ampliação do mercado e de mão de obra barata para as multinacionais automobilísticas. No caso particular do México, o país viu adentrar a alta tecnologia com as automobilísticas por um lado e aumentar a miséria com o domínio no campo pelas multinacionais, prejudicando ainda mais a produção de alimentos das massas oprimidas.

No Brasil nas décadas de 50 e 60, se instalam as multinacionais com vistas à exploração da mão de obra barata e aos incentivos governamentais. Os governantes locais se vangloriavam-se da chegada do desenvolvimento. Depois de 50 anos de exploração o Governo brasileiro lança-se a presentear estas multinacionais com nada menos que as restigas e a vegetação protegida de Peruíbe, tudo para facilitação do escoamento da produção multinacional. Um mega-Porto (*Porto Brasil*) para as multinacionais, tanto as automobilísticas, as corporações do aço e de outros minerais, quanto as corporações da agro-indústria que se apossam cada vez mais das terras agricultáveis brasileiras, desmatando inclusive a floresta amazônica.

“Nossa Petrobrás” até produz algumas análises engraçadas. O Brasil, de país oprimido derrepente passa para opressor; com a Petrobrás cumprindo um papel imperialista. Uma empresa estatal brasileira, que possui mais de 50% de capital imperialista, é apresentada a nação e ao mundo como empresa estatal brasileira.

### **Venezuela**

Já a PDVSA “Venezuelana” que era administrada em convenio com as empresas imperialistas, com a Revolução Bolivariana, foram estes convênios transformados em empresas mistas, com controle acionário em que o Estado inicialmente teria hegemonia. De conveniados para donos e acionistas das empresas mais lucrativas da Venezuela, como a companhia de eletricidade e telefonia Cantv (telefonia) e Electricidad de Caracas. Para a PDVSA, inicialmente, a proposta era de transformar os convênios com as multinacionais em empresa mista com controle acionário do governo Venezuelano de 51% contra os 49% das multinacionais que, de conveniadas, passariam a donas. Ocorreu a recusa da Exxon Móbile e Conoco Philips em acordar a passagem de convênio à ações, gerando demanda judicial e acirrando aparentemente o conflito entre EUA e Venezuela (em busca de acordo vantajoso). Com a negativa destas multinacionais americanas o governo venezuelano rompe os contratos com estas duas multinacionais, ficando a nova composição acionária da PDVSA entre as multinacionais Total (Francesa) e Statoil (Noruega), passando o controle acionário a ser: 60% para o Governo Venezuelano e 40% para as multinacionais, prosseguindo sem desenlace a guerra do império americano das corporações do petróleo.

Vale ressaltar que a Associação entre os interesses do País oprimido (Venezuela) e País opressor (EUA), no caso do Petróleo, se deu na contrapartida do refino (tecnologia e seu controle) por parte da Multinacional Americana, que concedeu a distribuição aos Venezuelanos em troca de subsídio da venda

do combustível refinado a preço bem mais baixo aos americanos. Esta associação explica porque a PDVSA é a maior empresa estrangeira na distribuição de combustível nos EUA, com 13.682 postos. Uma associação combinada entre o grande capital com o domínio de tecnologia e o país oprimido, com grande reserva de matéria prima.

O caráter tardio do desenvolvimento desigual e combinado na Venezuela tem como referência o “14 de dezembro de 1922”, quando a já multinacional Shell perfurou o poço Los Barrosos nº 2, abaixo da bacia do Lago Maracaibo e o petróleo jorrou como água.

### **Bolívia**

Na Bolívia, como país integrante de nossa América desde o século XV, o império espanhol já travou mortíferas batalhas, dizimando os Incas para se apossar das minas de prata. O saque dos minérios bolivianos é parte constitutiva da história deste altiplano. A exploração capitalista foi totalmente extrativista também na produção da borracha, que culminou com o tratado de Petrópolis, assinado em 17 de novembro de 1903. Em que a Bolívia abre mão do território de Aquiri, atual território do Acre brasileiro, em troca da autorização e construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (ligando Bolívia até o leito navegável do Rio Madeira, atingindo o rio Amazonas e o Oceano Atlântico) por uma multinacional americana que dizimou milhares de nativos e assalariados com trabalho escravo utilizado na construção da ferrovia. O acordo de Petrópolis constituiu também de indenização de 2 milhões de libras e de parte do Pantanal Mato-Grossense em troca do território de Aquiri. Já nesta ocasião teve papel decisivo o Bolivian Syndicate (Consórcio formado com capitais alemães, britânicos e com maioria Americana).

Hoje, temos na Bolívia as corporações do petróleo, mineração e os

latifundiários consorciados com estes (burguesia e Santa Cruz) que juntamente com as corporações petrolíferas americanas acirram a luta de classes na Bolívia, inclusive se utilizando do fascismo.

A conformação do domínio imperialista na Bolívia se assemelha a conformação do desenvolvimento brasileiro em que a grande Indústria Paulista (totalmente entrelaçada com o imperialismo) se conforma de mãos atadas com as oligarquias do nordeste; também carne e osso com os imperialistas, caindo por terra as pretensões pacifistas de reforma agrária da Igreja, MST e toda gama de reformismo.

Esta conformação do Continente Americano de total dependência e de desenvolvimento desigual e combinado, em que o capital imperialista domina totalmente as economias nacionais, só pode gerar (no campo burguês reformista e nacionalista) os fenômenos que temos hoje com Hugo Chaves e Evo Morales. Pseudo-nacionalismo populista impotente acabando por se consorciar com as transnacionais imperialistas, servindo de contraponto às disputas imperialistas dando nova formação de associação e se constituindo também em uma nova burguesia nacional, com capital financeiro não descartando um banho de sangue das massas e da instalação do fascismo ou a volta dos militares.

Este fenômeno reformista e de pseudo-nacionalismo é abarcado pelo castrismo, acabando por servir a dois grandes objetivos imperialistas: o principal se constitui no bloquear do processo de levante das massas, como acontecido na Bolívia em que as massas acabaram por derrubar quatro presidentes e, no entanto, concluíram com a alternativa bolivariana. Um segundo aspecto, é a nova conformação

das associações de capital entre as grandes corporações e as nações subjugadas. Podemos dizer que este fenômeno é totalmente parecido com as restaurações capitalistas dos outrora Estados operários degenerados e é o que acontece também em Cuba.

Assim, a grande burguesia mundial trata de cimentar o reformismo esquerdista com as organizações tipo Fórum Social Mundial, em que se serviram e se servem dos mesmos intelectuais de “esquerda e até mesmos marxistas” com, inclusive, a conformação de governos de frente populares no sentido da garantia dos objetivos e necessidades do grande capital e da crise estrutural do sistema capitalista.

É tarefa da vanguarda do proletariado mundial dar resolução para esta problemática e a construção de um genuíno Partido Mundial Marxista de quadros, formados no calor da luta de classe e na experiência histórica, que se torne ferramenta insubstituível para a resolução da crise de direção do proletariado mundial, da contenção da barbárie, da harmonização entre meios de produção e relações de produção; bem como dar continuidade ao desenvolvimento da humanidade.

Esta construção Marxista do Partido Mundial da Revolução Socialista não se tornará possível sem a construção de quadros internacionalistas e sem limpar dos desvios teóricos presentes na atualidade entre os que reivindicam inclusive, desta ferramenta.

Sem a construção programática entrelaçando a experiência histórica e o formular do arcabouço teórico e prático para o enfrentamento e inserção na luta de classe ao nível mundial.



## Petras versus Petras

Desde o referendo constitucional na Venezuela, mais precisamente com a declaração de James Petras à Rádio Centenário CX36 do Uruguai (reproduzidas por meios de comunicações desse país em 4 de dezembro de 2007), afirmando que o PSTU do Brasil atuou na Venezuela junto com os estudantes financiados pelo imperialismo, se instalou uma grandiosa polêmica entre a Direção do PSTU e Petras. Culminou também esta polêmica com a demissão por perseguição política do dirigente Sindical Boliviano Orlando Chirino da PDVSA pelo Governo Chaves.

O Proletário fará um breve comentário sobre tal polemica no sentido de desmascarar o oportunismo do PSTU e seu reformismo revestido de trotskismo.

O título deste artigo visa demonstrar que não se trata de uma luta política entre Trotskistas e Stalinistas como quer a direção do PSTU e sim de dois campos da mesma matriz, vejamos:

Toda política do PSTU nos últimos anos tem aprofundado a política (programa) que a história da luta de classe denominou chama-la de Stalinismo. A própria militância interna ao PT e a defesa do governo dos Trabalhadores instrumentalizado pelo Partido dos Trabalhadores já bem indicava o elemento policlassista de tal agremiação.

Sem adentrar na polemica de Petras sobre o apoio ao candidato a presidente da Republica no segundo turno das eleições de 2002 e sem se ater na análise da LIT e, por conseguinte, do PSTU da queda do muro de Berlim e a queda das burocracias dos Estados do Leste como sendo um verdadeiro progresso da humanidade e da luta dos trabalhadores.

Iremos nos ater na conformação da CONLUTAS e em seu 1º CONAT (Congresso Nacional dos Trabalhadores) realizado nos dias 5, 6 e 7 de maio DE 2006, em Sumaré (SP).

Apesar da montagem de um circo representativo, as deliberações de tal encontro foram a síntese dos acordos políticos celebrados nos gabinetes da representação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, da Pastoral Operaria e intelectuais Stalinistas como Célia Hart e o próprio James Petras entre outros reformistas presentes inclusive, proferindo palestra para animar os “debates havidos” no 1º CONAT.

Coube a este 1º CONAT a aprovação estratégica da Auditoria Cidadão da Dívida Externa e de uma estrutura organizativa da Conlutas a imagem e semelhança desta estratégia, ou seja: uma confederação burocrática de representação das entidades. Assim nada longe do 7º e último Congresso da III Internacional “Comunista” em que adotou como política permanente para as seções de uma destituída III Internacional a política das frentes populares.

Para o oportunismo do PSTU de fato não tem problema político nenhum a defesa do não juntamente com as forças do imperialismo americano contrapondo as forças do imperialismo Francês e da Social Democracia e reformismo/caricatura de nacionalismo representado pelo Chavismo.

Assim como a LIT e o PSTU alinhou ao imperialismo contra os burocratas stalinistas nos Ex Estado burocratizados do Leste se apoiando nos levantes das massas como sendo um processo da revolução política defendida por Trotski. Na Venezuela com o Referendo uma campanha independente com a defesa do voto nulo era obra dos doutrinários e da ultra-esquerda como costumam rotular para a manutenção das bases partidárias que se reúnem periodicamente como clube de simpatizante e que pelo centralismo “democrático” tem que seguir as direções.

De fato concreto nesta briga de Petras contra Petras sobrou para mais uma vez o demagogo e capitalista Chaves usar da perseguição política para resolver um problema político entre tendências próximas politicamente.

Falam ainda estes Senhores do PSTU de independência de classe, na verdade é como Chaves e Petras falando de Socialismo.

Como pode haver independência de classe com uma organização como na CONLUTAS de federação burocrática de representação de entidades, quando as decisões são tomadas nos gabinetes e nas sacristias?

Como pode haver independência de classe se não há o exercício da democracia operária, com a tomada das decisões nas Assembléias de Base sem corporativismo próprio da burocracia?

Como pode haver independência de classe com o bloquear da luta direta das massas em detrimento da pressão parlamentar?

Como combater o Stalinismo adotando a política deste como estratégia?

Não Eduardo e Valério, não precisam se preocupar, afinal somos um simples componente da ultra-esquerda.

## Entidades convocam **Encontro Latino-Americano e Caribenho dos Trabalhadores**

COB (Central Operária Boliviana), Conlutas (Coordenação Nacional de Luta - Brasil), Batay Ouvriye (Batalha Operária – Haiti) e Tendência Classista e Combativa (TCC – Uruguai), acabam de convocar encontro para o dias 7 e 8 de julho de 2008, em Betim (MG), cuja consigna é *Muitas Vozes, Uma Só Luta*.

O Encontro, segundo seus convocantes, terá como temática a resistência contra o endividamento externo, privatizações, a exploração das transnacionais e grandes capitalistas nacionais, contratos de livre comércio entre os países, as reformas, o neoliberalismo, as bases militares norte-americanas e a ocupação estrangeira do Haiti.

É de muita importância um Encontro Latino-Americano e Caribenho. Mas não para se chegar pelo andar da pauta: nas configurações em relação à dívida externa, de auditoria da dívida cidadã (como na Conlutas), não da simples união burocrática dos que “lutam”, não simplesmente contra a exploração das transnacionais e grandes capitalistas (conciliação de classes) e sim, pelo fim da exploração capitalista.

Concretamente, um Encontro Latino-Americano e Caribenho na atualidade, tem que obrigatoriamente discutir, entre outros pontos, a priorização do desenlace da crise que atinge a Bolívia. De um lado, as tendências fascistas, representadas pelo avanço da resistência às reformas em curso pela burguesia industrial e latifundiária dos departamentos de Santa Cruz, Beni, Pando, Tarija “media luna”, como é chamada este agrupamento que representa diretamente o imperialismo americano. E, de outro, Evo Morales e as multinacionais petrolíferas, americanas e francesas, inclusive a Petrobrás, que é empresa mista, de capital consorciado com imperialismo.

Um Encontro Latino-Americano e Caribenho deve se fundamentar na formulação do Internacionalismo proletário de defesa do desenlace da Revolução Boliviana, que hoje se apresenta sob duas perspectivas: uma delas é o novo acordo com as multinacionais imperialistas e os departamentos (media luna) de reparte das riquezas bolivianas, com Evo Morales sendo

um árbitro em relação às massas, reprimindo-as para sustentar a continuidade da exploração em outras bases. A outra é o não acordo e a continuidade da resistência fascista ao governo de frente popular de Morales, que fatalmente se concluirá em banho de sangue e desmoralização das massas. Com esta segunda alternativa, certamente os militares retornarão no poder em continuidade do saque em favor do imperialismo.

Diante das alternativas colocadas para a Bolívia reunir um Encontro Latino-Americano sem discutir o assunto, é pura traição e contribui para a legitimação da contenção da luta independente, respaldando a posição da COB em relação ao apoio ao Governo de Frente Popular de Morales.

Por fim, um Encontro Latino-Americano e Caribenho, que tem como um de seus convocantes a COB, deve ser realizado, sem sombra de dúvidas, na Bolívia.

## Continuam as atividades de formação política

Neste último dia 3 de fevereiro realizamos um breve Seminário das 9 às 17 horas sobre a obra de Friedrich Engels, *Dialética da Natureza*.

Engels inicia sua obra deixada em forma de manuscrito escrita por volta dos anos de 1870 a 1882 e publicada pela primeira vez, em 1927 relatando em seu prefácio que o período iniciado no meado de século XV como sendo a época da:

*moderna investigação da Natureza, que os alemães, denominam a Reforma, depois da desgraça nacional que, por sua causa, nos aconteceu, a que os franceses chamam de Renascença e os italianos de Cinquecento.. Em que a realeza, apoiando-se nos habitantes das cidades ou sejam os burgueses, enfraqueceu o poder da nobreza e fundou as grandes monarquias, baseadas essencialmente no conceito de nacionalidade. Sob esse regime, alcançaram grande*

*desenvolvimento as modernas nações européias e a moderna sociedade burguesa .. Foi essa a maior revolução progressista que a humanidade havia vivido até então, uma época que precisava de gigantes e, de fato, engendrou-os: gigantes em poder de pensamento, paixão, caráter, multilateralidade e sabedoria. Os homens que estabeleceram o moderno domínio da burguesia eram alguma coisa em quase nada limitados pelo espírito burguês. Muito pelo contrário, o caráter aventureiro dessa época neles se refletiu em certa dose. Não existia, então, quase nenhum homem de certa importância que não tivesse feito extensas viagens; que não falasse quatro ou cinco idiomas; que não se projetasse em várias atividades. Leonardo da Vinci era não só um grande pintor, mas também um grande matemático, mecânico e engenheiro, a quem os mais variados ramos da física devem importantes realizações. Albert Dürer era pintor, gravador, escultor, arquiteto e, além disso, inventou um sistema de fortificações que continha várias das idéias, muito*

*mais tarde assimiladas por Montambert, das modernas fortalezas alemãs. Maquiavel era estadista, historiador, poeta e, ao mesmo tempo, o primeiro escritor militar digno de menção nos tempos modernos. Lutero não só limpou os estúbulos de Áugias da Igreja, como também o do idioma alemão: criou a prova alemã moderna e escreveu o texto e a melodia desse coral triunfal que foi a Marselhesa do século XVI. Os heróis dessa época não se achavam ainda escravizados à divisão do trabalho, cuja limitativa, tendente à unilateralidade, se verifica frequentemente entre seus sucessores – página 12 -16 da referida obra.*

Este pequeno relato dá a dimensão do “herói” que foi Engels, segundo suas próprias palavras em tratamento aos grandes cientistas do século XV. Constatação que se faz, sem sombra de dúvida, ao ler e estudar a Dialética da Natureza. Que além da não acentuação da divisão do trabalho, como o relata em referência aos heróis do século XV, certamente nosso cientista era dotado de qualidades especiais.

Nesta síntese histórica do conhecimento científico, Engels nos relata em polemicas com vários outros cientistas e filósofos sobre a teoria do conhecimento, sobre a formação do Universo, sobre o surgimento da vida, o desenvolvimento desta, analisando todo este processo sobre os olhos e cérebro voltado para o materialismo histórico e dialético.

Para relatar os temas elencados recorre, como não poderia deixar de ser, aos fundamentos da química, da física, da biologia, da geografia, geologia da filosofia, da matemática, do processo histórico da evolução da humanidade e a estagnação deste desenvolvimento devido à exploração do trabalho em seu uso imediato para fins de interesse particulares. Relata-nos que, os animais em sua postura natural colhem para consumir. Já os animais que evoluíram e se transformaram em seres humanos, desenvolveram as mãos, pelo trabalho e com isto, desenvolveram também, todo seu metabolismo e principalmente diferenciou o cérebro dos outros animais se constituindo no cérebro humano. Com esta diferenciação dialética e histórica os homens passaram a não só colher e consumir e sim: produzir para consumir e além: produzir para

melhorar o nível de vida e inclusive para acumular.

Com o advento da propriedade privada, o trabalho se restringe ao feito imediato e aos interesses particulares, apesar de ter um processo de produção social. Este fenômeno aponta para o retrocesso da própria humanidade que: evoluiu do macaco pelo trabalho, organizou-se em sociedade com semelhança natural das vidas de seus antecessores, ou seja, de forma coletiva, mas que: em seu desenvolvimento posterior pela particularização do trabalho e sua permanência no imediatismo, as descobertas e novas formas de trabalho e ferramentas além das mãos acabou por conduzir-se a varias fazes de barbárie.

A continuidade da história e esta como história da humanidade se fizeram também, diferentemente do reino animal natural, em que, a luta se resumia na luta pela vida. Agora, com o desenvolvimento das mãos pelo trabalho, do cérebro e de todo o organismo, a particularização do trabalho: a luta e a história da humanidade passaram a ser a história das lutas de classes.

Sem o devido planejamento deste trabalho em função de seus produtores, a luta de classe que se formalizou e se institucionalizou com a chamada civilização, as contradições que se avolumaram nos saltos de qualidades e em transformações rumos inclusive, aos seus contrários. Sem uma revolução socialista capaz de harmonizar o processo de produzir e seu conseqüente planejar e distribuir do produzido, culminará a humanidade, não só na estagnação e retrocesso de seu desenvolvimento, mas inclusive, dará retorno a barbárie que se presenciou nos processos históricos das grandes descobertas.

Parece uma mera coincidência, mas não se trata de destino e sim, de um processo de luta de classes, material, histórico e dialético. Assim como as grandes descobertas, como: fogo, agricultura, pecuária, fundição, o arco a espada no nascimento da propriedade privada, levaram a um processo de barbárie. A centralização

do capital pelos proprietários dos meios de produção, as contradições advindas do desenvolvimento de parte das forças produtivas, o domínio do capital financeiro, as grandes descobertas e desenvolvimento da tecnologia de nosso tempo em contraposição com a decadência cada vez maior da parte maior e substancial das forças produtivas que é o mundo do trabalho, a anarquia do sistema. Acabará por gerar crises e mais crises, já assinaladas no Manifesto Comunista de 1848 como sendo epidemias de crises de superprodução. O desenvolver deste processo de crise e de contradição do regime de produção capitalista, sem que se consuma a revolução socialista, levará a humanidade de volta à barbárie.

Encerra-se a obra com um artigo denominado a investigação científica no mundo dos espíritos. Este artigo trata da questão do desprezo da teoria e da dialética, relatando as várias experiências de cientistas naturalistas, inclusive um colaborador direto de Darwin – Alfred Russel Wallace (1823-1913) que de cientista da evolução das espécies passou ao espiritismo. Na luta de

classe temos várias correntes políticas e mesmo militantes íntegros que desprezam a teoria e acabam no colo de políticas revisionistas e do reformismo burguês descarado. Nos Brasil temos uma corrente política com influência no academicismo que chamam seu chefe José Chasin de mestre, adeptos de uma miscelânea entre Georg Bernhard Lukács von Szegedin, Antonio Gramsci e Mikhail Aleksandrovitch Bakunin em que o culturalismo e a prática se reveste da teoria. Esta corrente política concebe a base material da sociedade como sendo os próprios homes em aprofundamento de Ludwig Andreas Feuerbach que chegou a um “materialismo” o concebendo ao próprio homem.

Dando prosseguimento aos estudos, o próximo Seminário se dará após a leitura do livro *Anti-during* do mesmo autor.

A data da realização deste Seminário será tratada por ocasião da atividade de discussão política que se realizará no próximo dia 16/02/2008 às 19:00 horas na Rua Maria Aparecida, 50, Vila Nova Conceição, Diadema.

Publicamos, a seguir, um resumo e nosso posicionamento do III capítulo da obra *O Novo Imperialismo*, de David Harvey – Edições Loyola, 2004.

### Capítulo 3: **A opressão via capital**

Aborda que as crises de sobreacumulação são geradas a partir da queda da taxa de lucro onde os excedentes de capital (em termos de mercadorias, moeda e capacidade produtiva) e excedentes de força de trabalho não podem ser “fluídos” lucrativamente. Identificando distintamente a *lógica de capital* e a *lógica territorial* em constante contradição

(desincronizadas da análise materialista dialética).

No subtítulo *Poderes do Estado e Acumulação de Capital* fala do Estado como poder territorializado possibilitando a acumulação de capital. Afirma que setores de capitalistas agem (e às vezes contra) dentro e fora do Estado que os favorecem – lógica territorial X lógica capitalista. E que

estes estados os controlam e administram.

*“Não obstante, a condição preferida para a atividade capitalista é um Estado burguês em que instituições de mercado e regras contratuais (incluindo as do contrato de trabalho) sejam legalmente garantidas e em que se criem estruturas de regulação para conter conflitos de classe e arbitrar entre as reivindicações de diferentes facções do capital (por exemplo, entre interesses mercantis, financeiros, manufactureiros, agrários e rentistas). Políticas relativas à segurança da oferta do dinheiro e aos negócios e relações comerciais externas também tem de ser estruturadas para beneficiar a atividade de negócios.” (pg. 80).*

Ou seja, discerne que as bases do Estado burguês são assentadas preferencialmente apenas onde haja um arcabouço para conciliar os interesses das facções do capital e conflitos da luta de classes. Quando, todavia, essas regras e elementos implícitos nas relações de produção são reproduzidos categoricamente a partir de sua estrutura de base material: Propriedade privada; a exploração do trabalho; ditadura da representatividade burguesa; a apropriação do trabalho coletivo; a repressão. Uma abordagem, pois, nada materialista, senão economicista.

Em *A Produção de uma economia do espaço* introduz que as condições geográficas (distância, necessidade, demanda, produtividade e etc.) configuram determinados espaços ou territórios senão fluxos ou correntes “comerciais”, caracterizando-os distintivamente, dos quais (espaços)

capitalistas de diversos setores tentam tirar proveito.

Situa que, diferentemente de outras abordagens, procura demonstrar o desequilíbrio nessas relações capitalistas. Demonstra que as competições capitalistas culminam em competições monopolistas, que por si só destrói a falácia da livre-concorrência. Consente que Lênin e Hilfelding estavam certos na relação monopólio/imperialismo.

Situa que com a quebra das fronteiras os monopólios locais ou regionais transformados na medida em que aos capitalistas ocorreram as seguintes manobras: 1) centralização do capital pelo poder financeiro; 2) economias de escala e posição de mercado; e 3) proteção (patente) das vantagens tecnológicas. Basicamente sugere que nesta última manobra que a exploração tecnológica das forças produtivas permitiu a “globalização” ou o encurtamento das fronteiras (distância e etc.).

Conclui que a paisagem geográfica do mercado é forjada pelas contradições expressas nos processos moleculares de apropriação de capital em constante choque no espaço e tempo. E que todas essas contradições são apreendidas em um nível superior de expansionismo do capital que edifica e destrói *paisagens-geográficas* para adaptar-se e obter lucros.

Em *A lógica capitalista do poder X política territorial do poder* disserta que é comum surgirem, a partir desses processos moleculares de acumulação de capital, uma cristalização na “regionalidade”, que essa regionalidade passa a ser mais estável e harmoniosa –

pelo menos por algum tempo. Esse *regionalismo* pode restringir-se nacionalmente ou não. Caracterizando essa regionalização pela promoção ou estruturação engendradas por classes hegemônicas ou dominantes que se entrelaçam ao Estado. Esta regionalidade constitui-se, enfim, na lógica territorial onde cada pólo regional relaciona-se com outros mais. Contudo, tratar-se-ia ainda, de uma regionalidade informal diferente da lógica territorial empreendida e gestada pelo Estado e Império. Define de um modo geral que:

*“a regionalidade se cristaliza segundo sua própria lógica a partir de processos moleculares de acumulação do capital, que ocorrem no tempo e no espaço. No devido tempo, as regiões assim formadas vêm a desempenhar um papel crucial na maneira como se posiciona o corpo político do Estado como um todo, definido tão-somente de acordo com alguma lógica territorial.” (pg. 91)*

O autor posiciona-se que esses blocos regionais vão mais além do nacionalismo compondo monopólios internacionais que se entrelaçam, competem, assediam, submetem ou amparam-se em governos, condicionando as regras do mercado.

O erro se dá, em nosso ver, que o autor identifica então o surgimento ou a consolidação desses monopólios internacionais (já não tão regionalistas) a partir desses significativos trustes. Mas Lênin aborda a questão bem mais profundamente.

A consolidação da hegemonia desses monopólios se dá não só com a ação desses trustes e suas instituições financeiras, mas um pouco antes, com

a fusão do capital industrial ao bancário que, legitimado pelo Estado ou não, o transcende. Quando esses monopólios constituídos empossam-se, para além de suas propriedades especulativas financeiras, das forças-produtivas em seu conjunto; determinando assim a finalidade da produção e os destinos que se empregariam a mais-valia arrecadada e dos lucros da comercialização. Se serviriam para “abastecer” ou sufocar um o outro mercado conforme a lei do desenvolvimento desigual e combinado.

A acumulação de capital mais veemente não é o montante de capital fictício, cifras ou ouro (em última instância) acumulados, mas a própria acumulação dos meios-de-produção e de seu emprego. Se o que esses elementos primeiros de nada valeriam senão para meros meios especulatórios. Quando afirmamos a expropriação da burguesia não almejamos prioritariamente a Casa da Moeda, mas as fábricas, as terras, as minas, as máquinas e as armas. Não queremos tão-somente o pão, mas a panificadora.

Por almejar o controle da produção e de seu destino, do próprio processo de produção, que estes trustes regionais vêm a forjar o capital financeiro. Meios-de-produção sedentários nada significam, senão a apropriação de seu fruto e a exploração do trabalho exercida neste.

Em *Os circuitos do Capital* o autor elabora um complicado fluxograma do “funcionamento” mesmo dos processos de acumulação de riquezas e seus câmbios na sociedade capitalista.

Na descrição de seu funcionamento o autor expõe mecanicamente exatamente o destino desses capitais acumulados através (em primeiro plano) da produção de valores e da mais-valia e (em segundo plano) do consumo e da reprodução de trabalho. Aludindo para diversas ramificações de fluxos que deveriam convergir, ao que parece, em equilíbrio na cabeça do autor se não fosse “*a sobreacumulação no circuito secundário e terciário*”. Compreendendo-se como circuito primário: o “*domínio da produção imediata*”; o circuito secundário: “*capital fixo para a produção (fábricas e etc.) e fundo de consumo (habitação por exemplo)*”; e o circuito terciário: gastos sociais ou desenvolvimento. Ou seja, pressupõe que aquele capital obtido da exploração do operário na fábrica (mais-valia) e o valor do produto suado gerado por ele não retorna para si (ora, vejam só que novidade) porque a bagunça é tamanha que “alguns” capitalistas *regionais* ou do *Estado* empregam mal o seu lucro investindo em setores saturados ou pouco rentáveis. E o prejuízo dessas transações impediria estes senhores de cumprirem suas valorosas obrigações de continuarem extraindo lucro e mais-valia para convertê-los em bens de consumo imediatos que nos abastecem.

Pontua o autor ainda que aquele capital obtido com a extorsão de juro e especulação de títulos fantasmas (como o cheque voador, só que destinado a alguma produção; da Vale, Petrobrás e etc.) também são mal empregados, endividando os produtores em geral, agravando a crise. Notaremos aqui, vagamente, alguns pensamentos familiares no bojo do revisionismo do materialismo dialético.

A crise de sobreacumulação esboçada pelo autor certamente não é a crise estrutural de superprodução delineada por Marx. Pois não se trata de simplesmente de capital angariado sendo canalizado para setores saturados da produção mundial que culminam na decadência capitalista. Senão, tratar-se-ia de promover uma reforma “revolucionária” no processo de produção e reprodução de bens no sistema capitalista – e VIVA a reestruturação produtiva; *Outro mundo é possível* nos marcos do capitalismo. MAS NÃO É.

No sistema capitalista (não exclusivamente) emprega-se a acumulação de capital através do lucro. É preciso abolir para desmantelar os sistemas de expropriação em massa. O lucro, como intermediário das relações de produção, por si só pressupõe a exploração de um homem por outro e somente na cabeça dos intelectuais idealistas (e diagrama do autor) é possível que todos lucrem igualmente. Numa única transação econômica dois indivíduos podem lucrar somente se houver um terceiro prejudicado (se não seria apenas uma troa monetária).

O autor compreende o sistema capitalista como um sistema de acumulação de capital, mas não o condena. Imagina que este capital acumulado possa ser distribuído igualitária e equanimemente se assentado sobre formas mais “justas” ou adequadas. A acumulação que se dá no sistema capitalista por vários setores da burguesia não se destina aos interesses coletivos (ainda que gerida pelo Estado), mas interesses individuais. Por isso, nós marxistas não falamos em acumulação de riquezas ou



da posse da propriedade dos meios-de-produção, como indivíduos, mas na sua coletivização, sob o controle dos proletários da cidade e do campo – dos produtores, com a devida repartição igualitária do produzido.

A crise de superprodução claramente evidencia a decadência do sistema capitalista, pois que, nas relações e processo de produção e distribuição desta, uma minoria possessória enriquece em detrimento da maioria; que por sua vez, empobrecida, perde a capacidade de adquirir (de se manter mesmo) seus bens de consumo imediatos produzidos por ela mesma. As prateleiras lotadas, fábricas a todo vapor e um exército de desempregados excluídos e empobrecidos, necessitando destes mesmos produtos.

Para esse dilema existencial do capitalismo, sua irremediável crise estrutural, o autor acredita haver mecanismos muito ardis de superação e reforma como descreve no decorrer de sua linha de raciocínio sobre o inusitado e Novo Imperialismo:

*“Há dois desfechos gerais possíveis para esse processo. No primeiro deles, novas*

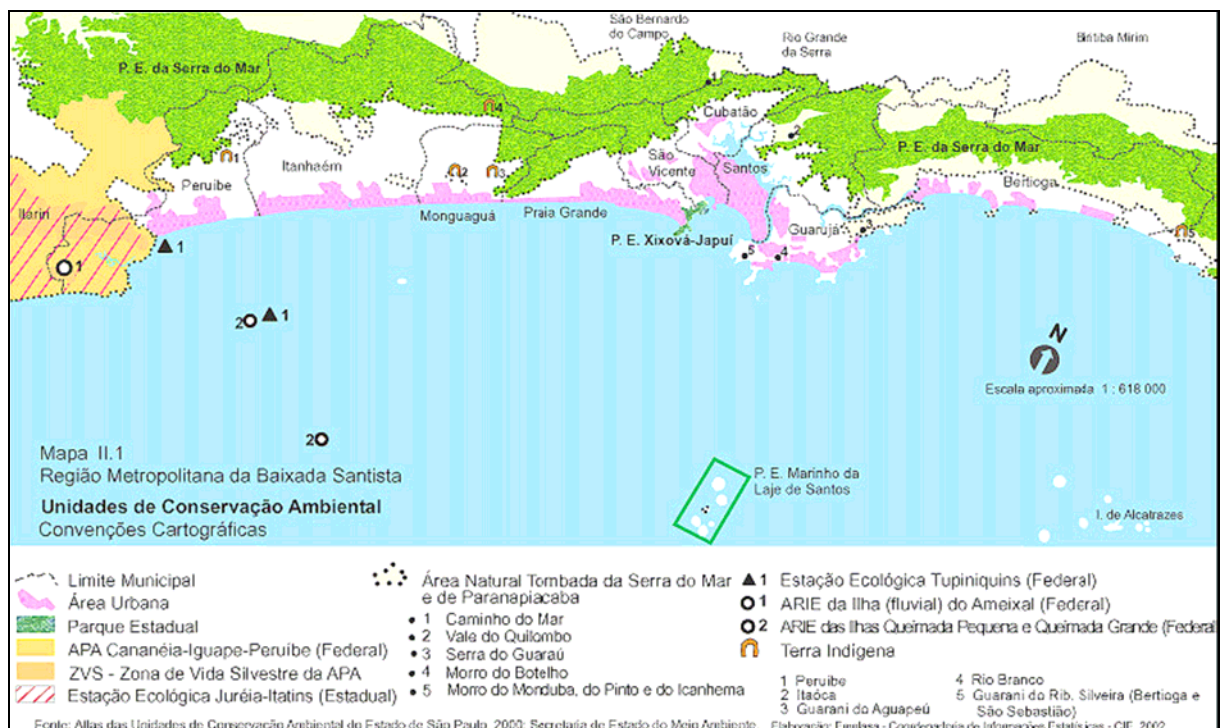
*ordenações espaço-temporais abrem-se sucessivamente e capitais excedentes são absorvidos e base episódica. Aquilo que chamo de ‘crise de comutação [switching]’ tem o efeito de redirecionar fluxos de capital de um espaço para outro. O sistema capitalista permanece relativamente estável como um todo, embora as partes vivenciem dificuldades periódicas (como desindustrialização aqui ou desvalorização parciais ali). O efeito geral dessa volatilidade inter-regional é a redução temporária dos perigos agregados de sobreacumulação e de desvalorização, muito embora os problemas localizados possam de vez em quando ser graves.” (pg. 103)*

Assim, mesmos considerando esses ciclos de crises e depressões bem como de fluxos e migrações de capitais temporários ou episódicos, o autor nega a estagnação e retrocesso das forças produtivas afirmando que estas crises de sobreacumulação aqui e acolá desestabilizam o sistema capitalista. Logo que sem elas, para o autor, este sistema poderia ser viável. Muito embora sejam estas, processos e fenômenos ligados intrinsecamente ao desenvolvimento da degradação e falência capitalista.

## Análise do projeto Porto Brasil e do Complexo Industrial Taniguá (Peruíbe)

O Governo Paulista em harmonia com o Governo Federal e do PAC - Programa de Aceleração do Crescimento desenvolve projeto em sua fase executiva de construção de um Mega-Porto e de potencialimento de um Complexo Industrial

(Taniguá). Como podemos ver no mapa abaixo o Município de Peruíbe se localiza na Região Metropolitana da Baixada Santista e a centro de Unidades de Conservação Ambiental e Estação Ecológica Juréia-Itatins.



Quais são os reais objetivos do projeto

### I - Exportação de minérios

- Exploração imperialista de nossas riquezas;
- Não prioridade da Indústria de Base na transformação do minério extraído do País, caracterizando a continuidade da exportação Colônia (Semi-Colônia)/ Império;
- Manutenção de uma divisão internacional do trabalho voltada para atender as multinacionais e o grande capital, com facilidades comerciais e de transporte para o abastecimento da grande indústria de transformação imperialista no sentido da adequação para melhores condições de exploração do trabalho e de domínio e garantia de desaguar suas mercadorias em melhores condições para a acumulação;
- Além da extração das riquezas nativas da nação terá a conseqüente degradação das áreas extrativas;

### II – Exportação de álcool, etanol e soja

- a) Dentro da linha do desenvolvimento da Agroindústria de exportação de alimentos, fonte de energia e de matéria prima, através e sob o controle das multinacionais e as modernas corporações;
- b) Priorização da Agroindústria de exportação em detrimento da produção da cadeia alimentar;
- c) Facilitação do escoamento da produção agroindustrial, especialmente de soja advinda do aumento das áreas agriculturáveis brasileira notadamente do desmatamento da Amazônia;
- d) Prioridade para as rodovias e automóveis, danificando e asfixiando ainda mais o equilíbrio natural do Planeta.

### III – Desenvolvimento de Parque Industrial em área de proteção ambiental

- a) Prioridade para as rodovias e automóveis, danificando e asfixiando ainda mais o equilíbrio natural do Planeta.
- b) Além da construção do Porto Brasil em área natural constituinte de reserva ambiental se projeta rodovias e um Parque Industrial de grande porte em área de proteção ambiental;
- c) De novo os tipos de indústria a se instalar è as do tipo nação oprimida, por exemplo: a de montagem de automóveis. Na verdade continua a abrir ainda mais as portas para as multinacionais automobilísticas. Agora não se trata de Parque Industrial no ABC Paulista e sim em área de proteção ambiental, as margens do Mar, com o único intuito de facilitar o jogo de dominação destas corporações imperialistas;
- d) Facilidade de produção de transporte individual para o planeta em contraposição ao coletivo e às necessidades ambientais e do espaço Urbano caracterizado pelo caos que reina nossas mega-cidades;
- e) Um Parque Industrial complementar à sangria de nossas riquezas naturais e da facilitação da Agroindústria multinacional.

### IV Os impactos ambientais

Dos impactos diretos:

- a) A destruição de Parque ambiental diretamente pelo desmatamento e implantação da estrutura portuária e do complexo Industrial;
- b) Destruição do Parque ambiental pela implantação de novos acessos rodoviários;
- c) Adensamento populacional em todos os níveis do entorno destes novos acessos rodoviários;
- d) Desenvolvimento de uma Mega-Cidade em plena área de preservação ambiental potenciada pelo desenvolvimento Industrial e geração de postos de trabalho;
- e) Atração de todo tipo de comércio e outras atividades

Dos impactos indiretos:

- a) Desalojamento de grande parte das Indústrias do Grande ABC Paulista e de outras regiões do País em busca de facilidades portuárias e de incentivos industriais;
- b) Agravamento do desemprego nas regiões em que as Indústrias se locomoverão para as novas facilidades, agravando o caos social que já é enorme;
- c) Desconstrução de cidades consolidadas, com seus arranjos e a já realizada degradação do meio natural;

- d) Facilidades em transporte de produção em larga escala advindas do desmatamento de nossa Amazônia;

Relatório da visita a Universidade de Taubaté (UNITAU) realizada por estudantes da FSA

Data da visita: 21/01/2008

Em respostas às perguntas formuladas via e-mail a Reitoria informa que não autorizou as informações solicitadas quanto ao Estatuto, gastos administrativos e docentes, mas informou que o orçamento da UNITAU é público, vez que, fora discutido e aprovado pela Câmara de Vereadores de Taubaté e que o mesmo pode ser encontrado do SITE do Legislativo.

Das respostas a entrevista realizada:

- a UNITAU não é um Centro Universitário e sim, uma Universidade (uma Autarquia Pública Municipal), mantida tão somente com dinheiro das mensalidades .
- possui 37 cursos em 3 áreas do conhecimento, mais de 20 programas comunitários e de extensão, 50 cursos de pós-graduação, 08 de residência médica, 05 de mestrado e 01 de doutorado (odontologia);
- no total a UNITAU atende a 19000 alunos por ano sendo 12.000 na Graduação e o restante entre Fundamental I, Fundamental II, Ensino Médio, Técnicos, Extensão e Pós-graduação;

fornece várias modalidades de bolsas que somam R\$ 9.000.000,00 por ano: Bolsa Licenciatura Social, Bolsa Familiar, Bolsa Fidelidade, Bolsa Atleta, Bolsa de Estágio Interno, Bolsa Emergencial, Bolsa Mérito e Bolsa SIMUBE – Sistema Municipal Único de Bolsas de Estudo. Bolsa de Iniciação Científica, Bolsa Convênio (ver resolução do Conselho Universitário, anexo). A UNITAU faz alguns Convênios até Internacional que rende finanças e vestibulandos, recebe doações, como a LG. Faz Convênio com os Sindicatos dos Trabalhadores que permite abater 20% da mensalidade de alunos trabalhadores sindicalizados com desconto em folha;

- possui Ensino Médio com variedades de opção, ou seja: Ensino Médio normal – R\$ 360,00; Ensino Médio Técnico R\$ 404,00 onde foi necessário ampliar as estruturas a partir deste ano;
- Ensino Fundamental até 4º série R\$ 245,00; Ensino Fundamental 4º a 9º série R\$ 260,00;
- Educação Profissional - **Duração:** 2 anos: Técnico em Mecatrônica, Técnico em informática, em Enfermagem, ou 3 anos: em Mecatrônica, em Eletrônica, em Meio Ambiente, em Nutrição e Dietética, em Patologia Clínica e Técnico em Prótese Dentária - duração de 2 ou 3 anos mais estágio, de R\$ 296,00 a R\$ 346,00;
- Biblioteca com acervo de 240 mil exemplares.

## Visita à UNITAU

Conselho Universitário, como estância máxima, com a seguinte composição:

Reitor, Vice Reitor e seis Pró-Reitores; 4 docentes de cada área = 12; 3

representantes do corpo técnico; 2 representantes da Comunidade local; 3 alunos da graduação

OBS. Pelo Estatuto é proibido acumular representação com as exceções do Reitor e Pró-Reitores que além de Reitor e Pró-Reitores participam como membros do Conselho Universitário.

Este trabalho é parte de um movimento de pesquisa e de interação sobre a realidade do Ensino Superior no sentido de organização do Movimento por tornar Pública a FSA no sentido de uma campanha em defesa do Ensino Público em todos os níveis, de qualidade, laico e científico.

Na UNITAU tem 6 Pró-Reitores sendo que a Pró-Reitoria de Administração congrega: planejamento e compras semestrais e trimestrais por deliberação dos Departamentos.

- Possui 20 Departamentos

Estrutura dos Departamentos: 1 chefe ou presidente eleito pela comunidade acadêmica (ver Resolução, anexa), 1 secretário e 2 ou 3 auxiliares.

A partir deste ano (2008) com as modificações que a reitora fez nas normas de eleição, todos os pró-reitores, os chefes de departamento, a vice-reitora e ela mesma (a reitora) permanecerão no cargo por 3 anos e sem direito a reeleição.

O Departamento é a unidade educacional básica da Universidade de Taubaté e congrega todo o pessoal que nele exerça quaisquer atividades na área do ciclo profissionalizante de cada curso, sendo administrado pelo Chefe de Departamento e Conselho de Departamento (CONDEP). O Conselho de Departamento é órgão de natureza deliberativa, consultiva e fiscalizadora, e na sua esfera de abrangência, é constituído por: 5 docentes eleitos pelos pares, 2 estudantes eleitos pelos pares e 2 funcionários.

Cada departamento controla suas finanças se organizando semestralmente e passando seu planejamento anual e o orçamento para a pró-reitoria administrativa e só gasta o valor que disponibiliza neste período (já aconteceu de algum departamento fechar, isto é, não oferecer

vaga para o curso, isto para se estruturar melhor conforme a lógica de mercado, que a Universidade também acompanha.

O Orçamento anual da UNITAU gira em torno de R\$ 120.000.000,00, anualmente tem que ser discutido nos Departamentos, Conselho Universitário, discutido e aprovado pela Câmara de Vereadores (ver aprovação Legislativa anexo, conforme pode se verificar todo ano sobra em torno de R\$5.000.000,00).

Trabalham na UNITAU 751 Professores, destes 90% em Regime de dedicação exclusiva em contratação integral (40h.) e contratação parcial para os demais com 20h. semanais e 835 funcionários.

Os coordenadores de curso são escolhidos pelos chefes de departamento de acordo com o envolvimento e atendimento que o professor dispense aos seus alunos (relação professor-aluno).

De cada 2 anos é realizada a avaliação Institucional e dos docentes e de 2 ou 3 anos de todos os departamentos.

Na confirmação da matrícula do Vestibulando é descontado a taxa do Vestibular de R\$ 65,00. Todo ano tem 3000 matrículas e neste ano (2008) se inscreveram 6.203, mas ainda tem matrícula para se efetivar.

A exigência para se abrir turmas é de 50% das vagas oferecidas por cada curso (nunca chega no absurdo de 45 estudantes igual a FSA, pois a meta não é 70 estudantes por sala e sim máximo 45). Está se organizando cursos de EAD (pedagogia, por enquanto), pois a UNITAU está sofrendo com a influência da Faculdade Anhanguera, Imes e Unifap de Campos do Jordão que é uma Fundação.

O Vestibular é realizado somente em uma prova para, em uma única vez e a redação é eliminatória, só o curso de Educação Física que tem uma prova específica separada.

O prédio da Unitau não é cedido pela prefeitura e quando se tem pequenas construções o setor de construção

providencia, mas quando requer um custo acima de R\$ 8.000,00 ocorre licitação.

### **Calendário de atividades:**

#### **Discussão política aberta**

- Conjuntura Internacional e Nacional;
- O desenvolvimento da humanidade, o capitalismo;
- As variantes de Marxismo;
- A necessidade da Socialização dos meios de produção e o devido controle e distribuição pelos produtores, como pressuposto contra a barbárie.

**Data - 16 de fevereiro de 2008.**

**Horário- 19:00 horas**

Local – Galpão da Associação OESTE - Rua Maria Aparecida, 50, Vila Nova Conceição, Diadema ► Ponto de referencia: NAP do Bairro Serraria.

Convocante:

Organização pela construção de um Partido Operário Marxista (POM).

No centro Cultural Mané Garrincha - Rua Silveira Martins nº 131, Sala 11  
Praça da Sé.

Dia 23 de fevereiro às 15:00 horas.

Discussão sobre atividade política em 8 de março e início de discussão para organização de um 1º de maio Internacionalista e Proletário  
Em seguida às discussões haverá um bom Sarau.

Dia 15 de março às 15:00 horas, debate sobre conjuntura mundial e a preparação do 1º de maio.